

“Ilha das Flores, um Mundo de Sonho” – Victor Rui Dores

à Regina, à Tânia e ao Pedro

Visito as Flores como acho que devem ser visitadas todas as ilhas dos Açores: de barco, de carro, a pé, com tempo e disponibilidade...

Por ser varanda sobre o mar, os viajantes do século XIX deram a esta ilha denominações como “Jardim do Atlântico” ou “Suiça Açoriana” – muito por via da beleza estonteante das suas sete Lagoas: Rasa, Funda, Comprida, Negra, Seca, Lomba e Branca. No Verão de 1924 o escritor Raul Brandão, na visita que efetuou pelos Açores, permaneceu alguns dias nas Flores e deu-lhe o nome de “A Floresta Adormecida”, título de um dos melhores capítulos do seu livro *As Ilhas Desconhecidas*, publicado dois anos mais tarde.

Situada na denominada Placa Litosférica Americana, ilha agreste e selvagem, de extraordinários contrastes, uma paisagem irrepetível, uma Natureza intacta e em estado puro – Flores é, hoje, para mim, a mais espetacular e a mais fascinante das ilhas açorianas. Tudo nela é grandeza e assombro: baías profundamente recortadas, falésias cortadas a pique, relevos incríveis, colinas arredondadas, vales fundos e abruptos, crateras imensas, ilhéus pontiagudos, rochas colossais, lagoas de sonho... E tudo isto enquadrado por densa vegetação com todas as tonalidades de verde.

A expressão telúrica desta ilha está precisamente nestes declives e nestes planaltos íngremes e imprevisíveis. E não existem palavras que possam adjetivar as furnas, as grutas e as cavernas que apreciei a navegar ao largo dos Cedros, Ponta Delgada e Ponta Ruiva. E que dizer da imponente Rocha dos Bordões? E do imenso silêncio das fajãs? E do verde-claro dos pastos iluminados por uma luz fria e delicada?...

Por toda a parte irrompem sebes de hortênsias em flor (que dividem os campos) e o amarelo perfumado das rocas (noutras ilhas também conhecidas por rocas-de-velha, conteiras, ou palmitos).

Acima de tudo, é impressionante a abundância de água na ilha das Flores, onde existem cerca de 400 ribeiras. Mais deslumbrante ainda é a água que se precipita lá de cima das encostas, e continuamente tomba em fios esbranquiçados de cascata, despenhando-se cá em baixo e desfazendo-se numa névoa de gotas líquida ...

Mas uma ilha é também feita de gente. E os florentinos têm a candura e a generosidade dos ilhéus acolhedores e hospitaleiros, que vivem, com persistência, numa relação única e harmoniosa com a Natureza.

A caminho da Fajã Grande, detenho-me junto de um ancestral moinho de água (datado de 1862) que ainda mói pelos meios mais rudimentares e artesanais. Meto conversa com Fátima, a moleira que me parece saída das páginas de um conto de Trindade Coelho. Ela não tira os olhos do grão, seguindo a moenda com toda a calma do mundo. O monótono barulho das mós transporta-me ao passado. Momentos antes eu já havia experimentado tal regresso ao passado ao visitar as casas de pedra da Aldeia da Cuada, onde tudo é rural e arcaico, incluindo o nome da co-proprietária daquele espaço rústico: Teotónia.

Vou captando sucessivas imagens fotográficas. De miradouro em miradouro, rendo-me por inteiro à beleza luxuriante desta ilha que é a mais cabalística dos Açores: tem 7 lagoas, 7 baías e 7 vales...

De Santa Cruz às Lajes, e daqui até ao Morro Alto, os meus olhos deslumbrados contemplam todas as espécies de árvores: incenso, faia, loureiro, acácia, giesta, pinheiro,

criptoméria, araucária, metrosídero, plátano... E, pelos trilhos da ilha, vejo manchas de laurissilva e cedro do mato e, com menor expressão, outras endémicas: sanguinho, pau branco, vinhático e queiró. E as trufeiras possuem a macieza do veludo. E, no Poço da Alagoinha, percorro os 800 metros que me transportam às regiões mais fantásticas do paraíso terrestre! E a mesma sensação assalta-me ao visitar o Poço do Bacalhau. Grandeza tamanha para uma ilha tão pequena. Percebo agora melhor os versos de Roberto de Mesquita e de Pedro da Silveira.

O mar sempre à volta. A ilha do Corvo no horizonte. Vejo no monitor da máquina fotográfica as imagens que vou captando. No fundo do vale da Fazenda de Santa Cruz, a igreja de Nossa Senhora de Lourdes empresta uma nota poética e mística à paisagem. E como é belo o casario branco a despontar no verde bucólico do Mosteiro! Na Fajã Grande, olho o ilhéu de Monchique e sei que estou no ponto mais ocidental da Europa.

Coelhos furtivos atravessam-se à frente da viatura que aluguei para visitar a ilha durante uma semana. Conduzo pelo silêncio de caminhos desertos e sou surpreendido pelas turísticas quatro estações num só dia... Boa rede de estradas. Curvas e contracurvas até dizer chega. Está um calor abafado na Caveira. A paisagem é casta e melancólica no Lajedo. Ambiente pastoril e idílico na Fajãzinha. Vejo campos de milho na Lomba e inhameiros na Fazenda das Lajes. E, por todo o lado, ouço o canto dos pássaros e o som das ribeiras e das cascatas.

Em 2009 a UNESCO reconheceu a importância ambiental da ilha das Flores, integrando-a na Rede Mundial de Reserva da Biosfera.

E depois há o gado bovino. Deixadas ao frio e ao nevoeiro à beira da estrada ou nos morros mais inóspitos, as vacas (brancas, pretas, malhadas e vermelhas charolesas) olham-me com desprezo. A terra está empapada de humidade e paira no ar um cheiro a mentrasto e uma impressão de frescura, de calma, de volúpia. Serenidade e melancolia. E um verde que pacifica o meu espírito.

Venha o(a) leitor(a) ver tudo isto com os seus próprios olhos. Porque, garanto, nada do que aqui escrevi é literatura.

“The Island of Flores, A Dreamworld” – Victor Rui Dores

English translation – Katharine F. Baker and Bobby J. Chamberlain, Ph.D.

To Regina, Tânia and Pedro

I visit Flores the way I think all the islands of the Azores should be visited: by boat, by car, on foot, with plenty of time and an open frame of mind.

Since the island is like a balcony above the ocean, 19th-century travelers gave it names like “The Garden of the Atlantic” or “The Azorean Switzerland” – in great part for the stunning beauty of its seven lakes: Rasa, Funda, Comprida, Negra, Seca, Lomba and Branca. In the summer of 1924 writer Raul Brandão, on his visit to the Azores, spent several days on Flores and gave it the name “The Sleeping Forest,” which he also titled one of the best chapters in his book *As Ilhas Desconhecidas* [The Unknown Islands], published two years later.

Situated on the North American Plate, a rough and wild island of extraordinary contrasts, an inimitable landscape, untouched Nature in its pristine state – Flores today is for me the most spectacular and fascinating of the Azorean islands. It is all grandeur and awe: deeply carved bays, cleanly chiseled cliffs, amazing sculpted geologic reliefs, rolling hills, deep and steep valleys, massive craters, jagged islets, colossal cliffs, dreamy lakes... and all this framed by dense vegetation in every shade of green imaginable.

The telluric expression of this island manifests itself in these very slopes, and on these steep and unpredictable plateaus. There are no words, no adjectives to describe the steam vents, grottos and caverns that I have enjoyed exploring off the coast of Cedros, Ponta Delgada and Ponta Ruiva. What can I say about Rocha dos Bordões, the imposing cliff that appears made of walking sticks? And the vast silence of gently sloping seaside fajãs? And the bright green of the pastures illuminated by a chilly, delicate light?

Everywhere there are hydrangea hedges (which divide fields) bursting forth into bloom, and fragrant yellow rocas (also known on other islands as rocas-de-velha, ginger lilies, conteiras or palmitos). Above all, the abundance of water on the island of Flores, where there are some 400 streams, is amazing. More astonishing still is the water that rushes from the tops of the slopes, and continuously falls in foamy cascading white ribbons, crashing down below and disintegrating into a mist of liquid droplets.

But an island is also made up of people. And Florentinos possess the openness and generosity of warm, hospitable islanders who live with persistence in a unique and harmonious relationship with Nature.

En route to Fajã Grande I stop by an old-fashioned water mill (dated 1862) that still grinds grains by the most rudimentary and artisanal of means. I make conversation with Fátima, the miller who seems to have stepped out of the pages of a rustic short story by Trindade Coelho. She does not take her eyes off the grain, following the milling equipment with all the serenity in the world. The monotonous racket of the millstones transports me to the past. Moments before, I had experienced another such return to yesteryear while visiting the stone houses in the nearby village of Cuada, where everything is rural and archaic, including the name of the co-proprietor of that rustic place: Teotónia.

I go about capturing a succession of photographic images. From overlook to overlook, I surrender myself completely to the lush beauty of the mystical island that is the most Kabbalistic of the Azores: it has seven lakes, seven bays and seven valleys.

From Santa Cruz to Lajes, and thence to Morro Alto, my dazzled eyes behold all manner of trees: incense tree, beech, laurel, acacia, broom, pine, Japanese cedar, araucária, New Zealand Christmas tree, plane tree – and along island trails I see smatterings of laurel and juniper and, to a lesser extent, other endemic species: buckthorn, pau branco, Madeira mahogany and St. Dabeoc's heath. The soil around the trees where truffles grow has a velvety softness. At Poço da Alagoinha I walk the half mile that transports me to the most fantastic regions of an earthly paradise! And the same feeling assails me when I visit Poço do Bacalhau. So much grandeur for such a tiny island. Now I better understand Roberto de Mesquita and Pedro da Silveira's verses.

The ocean is all around. The island of Corvo looms on the horizon. I view on my camera monitor the images I am capturing. At the bottom of the valley at Fazenda de Santa Cruz, the Igreja de Nossa Senhora de Lourdes [Church of Our Lady of Lourdes] lends a mystical and poetic note to the landscape. And how lovely the white houses are that arise from Mosteiro's bucolic green. At Fajã Grande, I spy the rock Monchique off-shore and know I am at Europe's most westerly point.

Skittish rabbits zip across the road in front of the car I have rented to visit the island for a week. I drive in silence along deserted roads and am surprised by the touristic four seasons in one day. There is an extensive road network that twists and turns until you say "enough." It is warm and muggy in Caveira. The landscape is pristine and melancholy in Lajedo. The environment in Fajãzinha is pastoral and idyllic. I see cornfields in Lomba and crops of yams growing in

Fazenda das Lajes. And everywhere I hear birdsong and the sounds of streams and waterfalls.

In 2009 UNESCO recognized the environmental importance of the island of Flores, adding it to the World Network of Biosphere Reserves.

And finally there are the cattle. Kept out in the cold and fog along the roadside or on the most inhospitable hills, the cows (white, black, spotted, and red Charolais) regard me with contempt. The soil is soaked with moisture and a scent of wild mint hangs in the air – as well as an impression of freshness, calm and voluptuousness. Serenity and melancholy. And a peaceful green that soothes my spirit.

Reader, come along and see it all with your own eyes. Because I swear nothing I have written here is fiction.

Autor e tradutores / Author and translators

Cronista Victor Rui Dores nasceu na ilha Graciosa, Açores. Licenciado em Germânicas pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, é professor da Escola Secundária Manuel de Arriaga e, na cidade da Horta, desenvolve apreciável atividade cultural. Com vários livros publicados, é poeta, romancista, contista, ensaísta, cronista, crítico literário, e, nos últimos anos, tem-se dedicado à etnomusicologia e à linguística. Colabora regularmente nos jornais, na rádio, na televisão dos Açores e da diáspora e está ligado à atividade teatral como ator e encenador. É, desde 1998, o representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação.

Tradutora Katharine F. Baker é de origens florentina e jorgense no lado paterno. Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pennsylvania. Traduz literatura portuguesa a inglês.

Co-tradutor Bobby J. Chamberlain, Ph.D., professor de Línguas e Literaturas Hispânicas na faculdade da Universidade de Pittsburgh na Pennsylvania, formou-se na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), donde depois ganhou um doutorado em Português e Literatura Brasileira.

This column's author, Victor Rui Dores, was born on the island of Graciosa in the Azores. A graduate of the University of Lisbon in Germanic languages, he teaches high school in Horta, Faial, where he is also involved in a wide range of cultural activities. The author of several books, he is a poet, novelist, short story writer, essayist, columnist, literary critic, and in recent years has dedicated himself to ethnomusicology and linguistics. He contributes regularly to newspapers, radio and television in both the Azores and their overseas communities, and he participates in theater activities as an actor and director. Since 1998 he has been the Azores' representative to the National Council of Education.

Translator Katharine F. Baker is of Flores and São Jorge descent on her father's side. She is a graduate of the University of California-Berkeley, earned a Master's degree at the University of Maryland-College Park, and studied Portuguese at the University of Pittsburgh in Pennsylvania. She translates Portuguese literature into English.

Co-translator Bobby J. Chamberlain, Ph.D., professor of Hispanic Languages and Literatures at the University of Pittsburgh in Pennsylvania, graduated from the University of California-Los Angeles (UCLA), from which he then earned his doctorate in Portuguese and

Brazilian Literature.